

TERRA: QUESTIONAMENTOS SUBJETIVOS DE UM PROCESSO CRIATIVO DE IMAGENS

Maria da Conceição Andrade Souza - UFBA

Resumo

O artigo traz questões reflexivas a respeito da criação de imagens em um processo criativo poético relacionado à produção de uma obra de minha autoria, **Terra**, 2009, que integrou a Exposição **Keramike** no Museu da Cerâmica Udo Knoff, em julho de 2009. Essas questões foram levantadas com o intuito de se aprofundar a compreensão do processo dinâmico de criação que se dá em rede, em nosso momento contemporâneo, segundo o pensamento de Cecília Sales a respeito de obra e processo. Para se ampliar o campo de observação de conexões culturais e subjetivas estabelecidas em processos criativos, atividades e resultados de uma oficina criativa com argila foram também tomadas como referência, reunindo-se assim um maior número de registros concernentes a imagens poéticas e subjetividade.

Palavras-chave: Terra; criação em rede; conexões culturais; subjetividade.

Abstract

*This article refers to reflective points concerned to the creation of images in a poetical process related to the development of the art work **Terra**, 2009, by myself, which integrated the collective Exhibition **Keramike** at the Udo Knoff Ceramics Museum, in July 2009. These points under reflection were raised to deepen the comprehension of the dynamic process of art creation that occurs in network, at the contemporary moment, according to Cecília Sales' thoughts about art work and art process. In order to enlarge the observation field of cultural aspects connected to subjective points of view during art creation processes, activities and results of an artistic clay workshop were also taken as reference, thus joining a greater number of records related to poetic images and subjectivity.*

Key words: Earth; network creation; cultural connections; subjectivity.

Imagens nos acompanham a todo momento, no que vemos, ouvimos, observamos, fazemos ou assistimos em situações diárias. Elas também nos chegam em *flashes* de associações, de nossas lembranças mais ou menos nítidas: imagens parciais, de detalhes, às vezes outras mais amplas querendo abarcar um todo, e, ainda, aquelas em movimento que percorrem cenários e são guiadas a um infinito de desdobramentos imaginários.

Muitas imagens da Terra sucederam-se na história da humanidade, desde tê-la como um disco chato, passando por uma esfera no centro de esferas concêntricas,

chegando-se à concepção de corpo esférico que percorre uma órbita elíptica em torno do Sol até sua completa revelação através da imagem fotográfica colorida e inteira, tirada em 1972, pela tripulação da nave espacial Apollo 17. Hoje, conhecemos a Terra como ela é, a bolinha azul, o planeta azul, e temos em nossa memória um sem número de registros de imagens parciais, de cada lugar onde estivemos, ou também não estivemos e reconstruímos a partir de cartões postais, filmes, livros, etc.



Fotografia da Terra tirada em 1972, pela tripulação da nave espacial Apollo 17.

E como somos livres para delinear nossas imagens e o fazemos de forma espontânea em nossas mentes, guiados por nossa sensibilidade e vivências, questões reflexivas a respeito da criação de imagens subjetivas em um processo criativo poético podem nos sinalizar pontos que se ligam a nossos interesses, conhecimento, forma de ver nosso entorno, etc. À medida que reconhecemos o processo dinâmico de criação em rede ¹ como método de pesquisa em arte, podemos compreender como se dá a construção de imagens poéticas a partir das macrorrelações do artista com a cultura em direção a aspectos mais relacionados à subjetividade. Então, com o objetivo de aprofundar o entendimento de caminhos percorridos em processos criativos, venho investigando o de uma obra, de minha autoria, **Terra**, para a qual produzi 400 caxixis² em massas cerâmicas diferentes, em 2008, e a montei, registrando seu procedimento construtivo, em 2009.

Os caxixis, então produzidos em meu atelier, fazem referência às miniaturas de utensílios diversos que são vendidos na Feira de mesmo nome, que ocorre anualmente na cidade de Nazaré, no Recôncavo Baiano, em dias de sexta-feira Santa. Com exemplares dessas pequenas peças em barro cozido, como as que

trago nesta obra, brinquei em minha infância. São, portanto, peças de grande importância em meu imaginário.



Terra, 2009, 400 caxixis, vidro, madeira, fragmentos de terra cozida, 105 x 80 cm.

Assim, a citada obra foi montada com uma antiga fatia de tronco de sucupira, um disco de vidro de 80 cm de diâmetro, um pequeno anel cerâmico de 6 cm de diâmetro, um outro disco de vidro de cerca 15 cm, fragmentos de terra cozida branca e as quatrocentas miniaturas de cacos para plantas em massas cerâmicas coloridas. Esta obra integrou a Exposição Coletiva **Keramike** no Museu da Cerâmica Udo Knoff, em julho de 2009, exposição que marcou a reforma estrutural e reformulação conceitual deste museu, abrindo espaço para exposições temporárias. Esta obra, então, passou a fazer parte do acervo deste espaço cultural que guarda muitas peças deste artista ceramista alemão que viveu na Bahia, interagiu com oleiros da comunidade de Maragogipinho, pesquisou o acervo cerâmico baiano de azulejos e muito contribuiu para a azulejaria artística na cidade.

Lembro que, em 2008, ao projetar esta obra, pensei refletir sobre o trabalho do homem com a cerâmica em diversas civilizações, em épocas variadas, sobre como a cerâmica tem participado do desenvolvimento de inúmeras culturas há milênios. Dessa forma falaria da Terra habitada pelo homem, construída com tudo que se tem de bom e ressaltaria sobre nossa responsabilidade em plantar, cultivar a vida,

proteger a vida na Terra. A Lua, que acompanha a Terra em seu movimento diário, não deveria ser feita de caxixis, mas sim de pequenos fragmentos de torrões de terra, pois ela continua praticamente inalterada, o homem interferiu pouquíssimo em sua paisagem. Até então não estava certa de como a montaria, mas sabia que ela seria mais uma imagem poética de nosso planeta e que indicaria uma forma particular de vê-lo. Além disso e para isso, para fazer referências visuais à Terra e tratar essas idéias com clareza seria necessário manter-me ligada à rede cultural, estabelecendo nexos aqui e ali, pesquisando fatos e outros dados.

Já em 2009, testando sua montagem, comecei derramando e espalhando os caxixis brancos sobre o vidro, por sua vez apoiado na fatia de tronco de sucupira. No momento, recordo que busquei na memória as nuances das cores – verdes, azuis, e tons terrosos - que definem as áreas sólidas e líquidas de nosso planeta e procurei diagramar os caxixis em movimentos semelhantes, fazendo assim também referência a espaços geográficos amplos, talvez mares, talvez cordilheiras, ou ainda nuvens que a circulam, nada muito definido, sem, contudo, esquecer alguma diversidade, alguma especificidade, nos posicionamentos das pequenas peças, ora voltadas para cima ou para baixo, apontando direções contrárias, etc.



Terra, 2009, processo de montagem

Depois espalhei os caxixis alaranjados, terracotas, que imediatamente me lembraram a cerâmica de forma ampla - terra cozida - tijolos, telhas, potes, olarias, casas, cidades inteiras, todo nosso mundo habitado. E conectei-me à rede cultural mais uma vez, com as palavras metafóricas do Professor Dante Galeffi³, que, em um de seus ensaios nos fala: “Assim, se poderia até dizer que o universo e a vida no planeta Terra são uma grande olaria em que são elaboradas as formas existentes.”



Terra, 2009, processo de montagem

Seguindo o procedimento de montagem, próximo aos caxixis brancos, foram espalhados os rosados, mais baixos, em menor quantidade, porém somaram-se àqueles para enriquecer as zonas claras com alguma variação de tonalidade e ritmo.



Terra, 2009, processo de montagem

Enfim, definiu-se no espaço restante a zona de massa marrom escuro, talvez referente à terra que nos alimenta com seus frutos e que se opôs à grande massa terracota.

Dessa maneira, numa ação lúdica e com uma boa quantidade de caxixis, mínimas expressões humanas cerâmicas, chegou-se ao máximo do espaço ocupado pelo homem - a Terra... Então pensei: será que o homem pode interferir no máximo com um mínimo? Qual a consequência de seu gesto?



Terra, 2009, processo de montagem

Continuando a montar e registrar imagens parciais da obra, confirmei uma posição imaginária da Lua⁴, como a percebo em noites de lua cheia, composta por um farto punhado de fragmentos de argila branca cozida, podendo assim refletir em plenitude sua luz sobre a Terra. Estando a imagem completa, nova etapa se iniciava, a da introjeção da criação: ler a imagem, expandir e aprofundar o pensamento visual que havia se delineado⁵, aceitar o surgimento de novas questões sempre que surgissem, procurar situar este trabalho em meio a outros de meu próprio percurso, relacionando-o a aspectos mais subjetivos: que Terra é essa? Onde estou nela? Qual meu lugar?

Meu lugar nessa *Terra* é exatamente o que ocupo como artista pesquisadora que usa a cerâmica como linguagem poética, misturando meu jeito de ver o mundo, com

cores e formas inerentes à cultura baiana, dialogando com pessoas significativas para mim – minha família, tema abordado em obras anteriores como **Ponto de vista**, 1991. Observando os olhares diferenciados de cada um de nós do grupo familiar: pais e um casal de filhos, na época, tomei como motivo da obra esses pontos de vista, e os registrei em pequenos cubos que se desprenderam do interior dos quatro módulos e que estavam estreitamente ligados à personalidade de cada um:



Ponto de vista, 1991

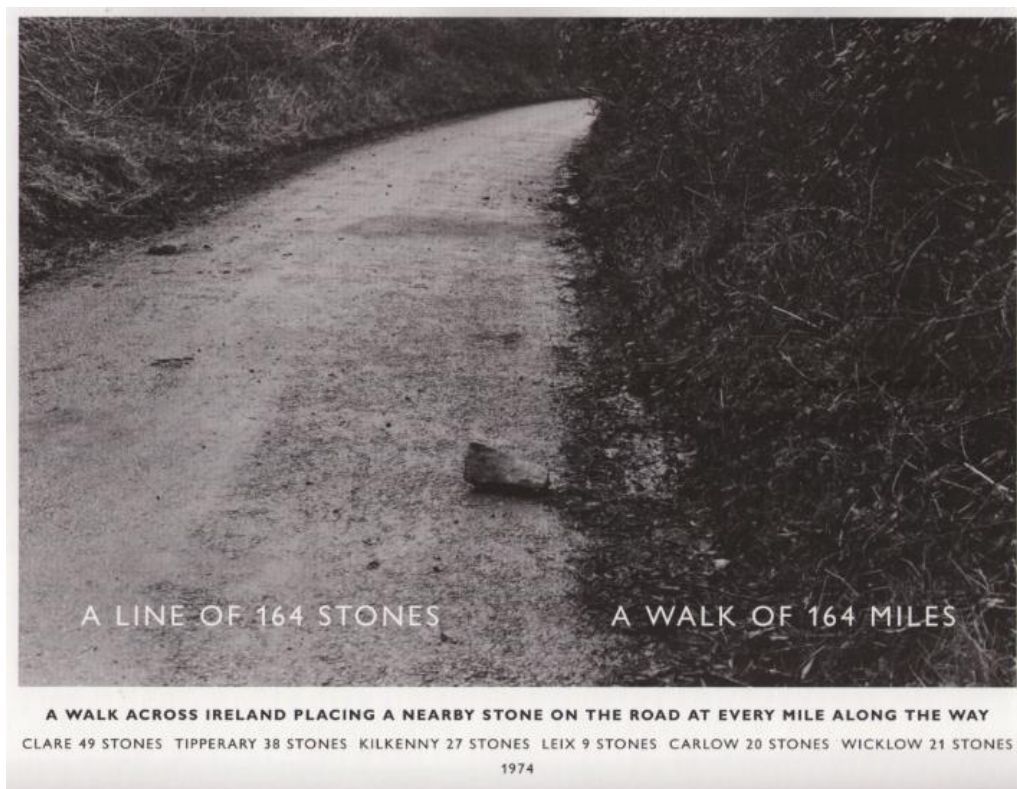
assim, a mulher que procurava expressar artisticamente sua visão de mundo o fazia com salpicos vermelhos no cubo mais inferior; a menina, com personalidade forte e emoções vibrantes trazia a força da natureza em folhagens no segundo cubo (em movimento ascendente); o menino, por sua vez, procurava experimentar tudo montando e desmontando seus cubos de brinquedo, construindo então seus conceitos racionalmente no terceiro cubo; e o homem, o astrônomo amador, tinha

seu ponto de vista apresentado no cubo superior: ele era aquele que enxergava longe e via nas estrelas um espaço que também lhe pertencia.

Hoje percebo que, em 2009, montei com pecinhas, como num brinquedo de armar, uma imagem poética da Terra numa vista aérea, que pode expandir-se com o conceito que lhe foi atribuído na percepção do contemplador e nos remeter a um tempo espaço em devir, pois cada um de nós, sozinho, não o pode abarcar de uma só vez, em um só momento. Além disso, a imagem insinua delimitações de áreas extensas da natureza, continentes, mares, numa visão parcial, de uma face do globo que se movimenta ininterruptamente. Lidando, portanto, com o mínimo como se fosse o máximo, o do outro, como se fosse meu, o terrestre como aéreo, os tons terrosos e branco como definidores de massas que na realidade são azuis e verdes, percebo a ação transformadora e unificadora subjetiva de todo um caminho percorrido, intuindo as conexões estabelecidas e procurando ordená-las com coerência para chegar à configuração final da obra.

Daí, voltando a observar o registro da montagem da obra **Terra**, 2009, vejo que, durante esse percurso, cliquei imagens em meio ao movimento da Terra, do Universo, da vida, levada por conquistar novas sensações de macro espaços, com os quais relacionei outras percepções e idéias, as pessoais, de um posicionamento micro, colocando-me numa construção subjetiva que se atualiza a cada olhar, de forma recorrente e complexa, assim tenho observado. Ressalto então aqui a característica de pluralidade / polifonia da subjetividade, como nos fala Félix Guattari⁶, composta de elementos diversos, sempre em atividade, em processo de autopoiese.

Então observando obras de outros artistas e seus processos criativos, deparei-me com as distâncias reais caminhadas por Richard Long geralmente relacionadas, por ele, a períodos de tempo, durante os quais deixa vestígios, suas esculturas, suas marcas de terra, de pedras, de gravetos, na terra, na areia, na vegetação da Terra. E o faz com muita simplicidade e significado, quando ele associa materiais, palavras, idéias a experiências realizadas, inicialmente na Inglaterra, depois na Irlanda, Escócia, Noruega, França, Suíça, Austrália, Japão, Índia, México, Bolívia, Marrocos, a região do Himalaia, do Saara, etc.



Richard Long, UMA LINHA DE 164 PEDRAS, UMA CAMINHADA DE 164 MILHAS, Irlanda, 1974.

Tomo então aqui para reflexão suas caminhadas porque são ações físicas, mas que se tornam invisíveis / visíveis nas esculturas, em mapas, textos, fotografias. Seja qual for a forma que elas assumam, “sua arte é a essência de sua experiência, não uma representação dela” ⁷. Mas ele vai mais além, quando transfere distâncias e velocidades de deslocamento de seu corpo na Terra para fora dela, para o espaço sideral, relacionando-as à velocidade do movimento de rotação da Terra, a do movimento de translação da Terra em sua órbita em torno do Sol e a de nosso sistema em torno de nossa galáxia. Observemos seu texto-obra sempre em maiúsculas:

MY WALKING SPEED 2.8 MILES NA HOUR
 (THE ROTATION SPEED OF THE EARTH IN ENGLAND 700 MILES AN HOUR)
 (THE ROTATION SPEED OF THE EARTH IN ITS ORBIT AROUND THE SUN 70,000 MILES AN HOUR)
 (THE SPEED OF OUR MOTION AROUND THE GALAXY 500,000 MILES AN HOUR)⁸

Não percorre ele também caminhos reais e imaginários? Não liga micro e macro mundos em suas conexões na rede cultural e em suas reflexões? Não constrói sua

obra por um método processual e associativo? Não exercita sua subjetividade em suas ações? Não procura ir sempre além?

Dessa maneira, com questões ainda por responder e propondo-me a pesquisar um pouco mais sobre o caminho subjetivo percorrido em processos criativos, de forma prático-teórica, organizei atividades para uma oficina com argila⁹, que objetivou explorar a seguinte questão: Qual sua imagem da Terra? Assim poderia acompanhar outros exemplos de produção de imagens subjetivas da Terra, com o mesmo material com que trabalho, a argila. Planejei motivar os participantes a modelar três imagens referentes à Terra, mas de pontos de vista diferentes: inicialmente de um aspecto físico de nosso planeta; em seguida, de uma referência da terra natal de cada um; e, por último, da totalidade da Terra, mas numa visão particular. E, propus que, durante a oficina, as imagens fossem feitas em um mesmo bloco de argila, em três momentos consecutivos, envolvendo assim amassar o bloco, modelar, amassar de novo, modelar nova imagem até se chegar às três expressões pessoais de cada um.

E assim aconteceu. Então, após cada expressão de imagens os registros fotográficos foram feitos e conversou-se sobre as imagens concretizadas. Em muitos momentos os participantes identificaram-se com imagens de outros e comentou-se essas ocorrências. Externaram também pesar em desconstruir formas modeladas para posicionarem-se com novas formas, mas esta etapa era necessária para que pudessem deixar morrer o já conhecido em busca de reformulações. Para concluir a oficina, pedi aos participantes que escrevessem sobre a relação existente entre as imagens feitas e deixassem suas impressões de como elas dialogavam com a subjetividade de cada um.

Diversos foram os comentários a respeito desta relação imagens-subjetividade, mas agrupei-os segundo traços em comum: os que falaram de expressão de sentimentos e emoções particulares; os que falaram da ativação da memória na retrospectiva de vivências pessoais no mundo e do mundo; e ainda outros que falaram da relação de construção e interação entre as imagens e a subjetividade, onde a interpretação daquelas determinam a qualidade do diálogo dentro / fora, pois, acrescentou um dos participante da oficina que "o subjetivo às vezes é resistência e às vezes é criação".

Ao fim das atividades, dei-me conta de que a seqüência de ações propostas para o grupo reconstituía o percurso que havia feito para produzir minha obra, pois estive

atenta ao macro espaço e a partir de um ponto de vista particular, de minha Bahia, construí uma imagem poética pessoal do planeta onde vivo. A diferença foi que não fiz três imagens em seqüência, mas interagi com as três referências de terra / Terra num processo criativo em que as imagens se transformaram numa só, mostrando-me minha imagem da Terra.

Também refleti sobre os comentários feitos pelos participantes na busca por compreender suas ações expressivas em atividade criativa e digo que não discordo de nada, acho mesmo que interagimos com nossas colocações, com todas as imagens pessoais e coletivas e nos recompomos a todo o momento. Por isso organizei as fotografias das imagens modeladas na referida oficina numa montagem circular com visão de uma face interna e outra externa, onde busquei sintetizar o movimento dinâmico, ininterrupto, que experienciamos no dia a dia de uma construção e reconstrução de nossa visão de mundo interior que dialoga com nossas percepções de nosso entorno.



Fotografia da montagem de imagens registradas na oficina ***Qual sua imagem da Terra?***

Relendo o texto de Cecília Sales, seleciono dois trechos para elucidar as questões deixadas acima, elaboradas a partir da pesquisa da obra de Richard Long, mas que também podem ser direcionadas a qualquer outro procedimento criativo poético. O primeiro¹⁰ nos diz que “além de relacionarmos percepção, memória, cultura e tempo, o modo como a matéria-prima de cada artista é por ele elaborada indicia o processo de constituição da subjetividade”. Mas o processo em si é semelhante para todos, porque todos nós, em devaneio com nossa matéria prima, executamos ações criativas e relacionamos referências culturais e pessoais, de uma forma que só cada um o faz, revendo-se e projetando-se num tempo-espço ainda desconhecido, que é o da obra. No segundo trecho, Cecília Sales vai mais além e cita Morin que cita Proust¹¹ que diz que “uma verdadeira viagem de descobrimento não é encontrar novas terras, mas ter um novo olhar...” Penso que é isso que exercitamos nos processos criativos: desenvolver um novo olhar do mundo e de nós mesmos.

Na época da montagem da obra Terra, o texto que escrevi para acompanhá-la foi: Terras, pequenez e grandeza, escuridão e luz, cheio e vazio, corpo e espaço, participar da cena e observar, participar da cena e sentir, participar da vida e interferir...

Então, retomando aqui as primeiras questões formuladas: será que o homem não pode interferir no máximo com um mínimo? Qual a consequência de seu gesto? Coloco-me com simplicidade expressando-me, exercitando e fortalecendo a subjetividade na prática artística, motivando outros a fazer o mesmo através do diálogo com a matéria terrosa, a argila, comungando com Felix Guattari da idéia de que “a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo”¹².

¹ A Professora Cecília Sales nos explica em seu livro *Redes de Criação* que o processo dinâmico da criatividade ocorre com flexibilidade em ações simultâneas não lineares, com ausência de hierarquia e intenso estabelecimento de nexos. In: SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo : Horizonte. 2006, p. 17.

² Em Maragogipinho, cidade produtora de cerâmica localizada no Recôncavo Baiano, às margens do Rio Jaguaripe, desde o início do séc. XVIII, são produzidos: vasos, bilhas, porrões, meringas e caxixis que são utensílios em tamanho reduzido para brinquedos de criança.

³ GALLEFI, Dante Augusto. *A cerâmica Popular da Bahia*. Salvador: Instituto de Artesanato Visconde de Mauá, 2009, p. 36.

⁴ A Lua tem aproximadamente 1/3 do diâmetro da Terra e está distante dela cerca de trinta vezes esse mesmo diâmetro. Contudo, não a percebemos assim cotidianamente.

-
- ⁵ EHRENZWEIG, Anton. *A ordem oculta da arte*. Trad. Luís Corção. 2. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1977, p. 109.
- ⁶ Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo : editora 34.1992, p. 11 e 19.
- ⁷ Texto de Richard Long em catálogo da exposição *Heaven and Earth*, na Galeria Tate Britain, em 2009: *"The freedom to use precisely all degrees of visibility and permanence is important in my work. Art can be a step or a stone. A sculpture, a map, a text, a photograph; all the forms of my work are equal and complimentary. The knowledge of my actions, in whatever form, is the art. My art is the essence of my experience, not a representation of it."*
- ⁸ RICHARD LONG *Heaven and Earth*. Catálogo de exposição na Tate Britain. Londres : Edt. Clarrie Wallis , 2009, p. 154.
- ⁹ Esta oficina ocorreu no Instituto de Ciências da Informação da UFBA, com oito alunos da graduação e uma professora desta unidade da universidade no dia 1 de abril de 2011.
- ¹⁰ SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo : Horizonte. 2006, p. 84-85.
- ¹¹ SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo : Horizonte. 2006, p. 74.
- ¹² Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo : editora 34.1992, p. 33.

Referências:

- BOLINHA Azul – Planeta Terra – 1972. Disponível em: <http://foto-evolucao.blogspot.com/2009_09_01_archive.html>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- EHRENZWEIG, Anton. *A ordem oculta da arte*. Trad. Luís Corção. 2. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1977.
- GALLEFI, Dante Augusto. *A cerâmica Popular da Bahia*. Salvador: Instituto de Artesanato Visconde de Mauá, 2009.
- Guattari, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo : editora 34.1992
- RICHARD LONG *Heaven and Earth*. Catálogo de exposição na Tate Britain. Londres : Edt. Clarrie Wallis , 2009.
- SALLES, Cecília Almeida. *Redes de criação: construção da obra de arte*. São Paulo : Horizonte. 2006.

Conceição Fernandes é mestra em Artes Visuais, EBA-UFBA. Integra o grupo de pesquisa MAMETO - CNPq, dando prosseguimento a seus estudos das tradições cerâmicas na Bahia e desenvolvendo uma obra visual-sonora. Com o grupo tem participado de diversos projetos como Ruínas Fratelli Vita, Outros papéis, Entre folhas, BTS, etc. Última exposição individual: terra-Terra no Palacete das Artes Rodin Bahia, 2009. www.conceicaofernandes.com.br